

Múltiplas linguagens, mídias e letramentos em ação

Mariana Lettieri Ferreiraⁱ

Lucila Pesceⁱⁱ

RESENHA

ROJO, Roxane; MOURA, Eduardo. *Letramentos, mídias e linguagens*. São Paulo: Parábola Editorial, 2019.

O livro *Letramentos, mídias e linguagens*, publicado em 2019, é o mais recente lançamento dos pesquisadores Roxane Rojo e Eduardo Moura. Roxane Rojo é uma pesquisadora livre docente do Departamento de Linguística Aplicada do Instituto de Estudos da Linguagem da UNICAMP. Seus trabalhos enfocam, em sua maioria, os (multi)letramentos e práticas escolares que possam promovê-los. Autora de diversos livros, dentre os quais destacamos: *Letramentos múltiplos, escola e inclusão social* (2009), *Multiletramentos na escola* (2012), organizado em parceria com Eduardo Moura, *Escol@ conectada: os multiletramentos e as TICs* (2013), organizada pela autora, e *Hipermodernidade, multiletramentos e gêneros discursivos* (2015), escrito em coautoria com Jacqueline P. Barbosa (IEL/Unicamp).

O outro pesquisador, Eduardo Moura, é formado em Arte e Cultura Fotográfica, pelo SENAC, licenciado em Letras, pela PUC-SP, doutor em Linguística Aplicada, pela UNICAMP, sob orientação da Profa. Dra. Roxane Rojo e pós-doutorando em Linguística Aplicada, pela USP. Atua na formação docente, especialmente no tocante aos novos e multiletramentos. Organizou e publicou um livro com Rojo em 2012 (*Multiletramentos na escola*) e agora juntos novamente publicaram, em 2019, o livro *Letramentos, mídias e linguagens*.

ⁱ Mestranda em Educação no PPG da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), especialista em “Práticas Reflexivas e Ensino-Aprendizagem de Inglês na Escola Pública” (PUC-SP), bacharel e licenciada em Letras – Inglês e Português (USP), pedagoga (Uninove). Professora de Ensino Fundamental II e Médio – Inglês na Prefeitura do Município de São Paulo (SME-SP).

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9024-736X> | lferreira.mariana@gmail.com

ⁱⁱ Doutora em educação (PUC-SP), com pós-doutorado em filosofia e história da Educação (Unicamp). Professora Associada do Depto. de Educação e credenciada no PPGE da Universidade Federal de São Paulo.

ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-2562-2012> | lucila.pesce@unifesp.br

Essa obra já antecipa, mediante título simples e direto, o que encontraremos no livro desses pesquisadores, que apresentam, de maneira didática e multimodal, o que são letramentos, mídias e as diferentes linguagens: imagem estática, imagem dinâmica, música e verbo.

O livro se divide em duas partes: uma com os dois primeiros capítulos da obra, que se propõem a apresentar o referencial teórico dos autores, no que diz respeito aos letramentos e às mídias; e a outra com os capítulos 3 a 6, que buscam detalhar cada uma das linguagens e seus desdobramentos (“a imagem estática”, “a imagem dinâmica”, “a música” e “o verbo”). É interessante observar que, no decorrer da obra, os autores optaram por um livro com diversos *hiperlinks* apresentados na forma de *QR codes*, de maneira a ilustrar o que está sendo discutido e apresentado, além de tornar a leitura mais dinâmica, fluida e multimodal.

No capítulo 1, ao tratar dos letramentos, os autores o subdividem em três partes, a saber: “letramentos da escrita e do impresso”, “multiletramentos” e “novos (multi)letramentos”. Chama-se a atenção para a flexibilidade do termo, que acompanha diversas mudanças e, de certa forma, os termos acabaram por demonstrar uma ampliação no conceito decorrente dos “avanços” do mundo. Na primeira parte do capítulo, é feita uma espécie de linha do tempo, que se inicia nos anos de 1980, quando o termo foi introduzido nos trabalhos de pesquisadores brasileiros. Também é feita a distinção entre o termo letramento e alfabetismo. Para isso, os autores fazem referência aos trabalhos de Mary Kato, Magda Soares, Ângela Kleiman e Brian Street.

A tônica dessa primeira parte do capítulo é a defesa de a “escola se tornar uma agência de democratização dos letramentos” (ROJO; MOURA, 2019, p. 17), de modo que os alunos tenham acesso a diversas práticas e eventos de letramento. Inclusive, Rojo advoga, em todas as suas publicações citadas no início desta resenha, especialmente no que diz respeito a reconhecimento e inclusão por parte da escola, letramentos considerados desvalorizados/marginais.

No segundo momento do capítulo, os autores buscam definir os multiletramentos, com base no quadro teórico de referência do Grupo de Nova Londres¹ (GNL) (1996), que reconheceu os multiletramentos a partir das múltiplas modalidades e da multiplicidade de culturas. Eles apresentam de maneira mais breve os multiletramentos, segundo o GNL, inclusive porque este conceito já havia sido

apresentado e discutido mais especificamente nos livros de 2012 e 2013. Ainda nessa seção, as ideias de Kress complementam as explicações, uma vez que, para o autor, “a linguagem verbal sozinha não pode mais dar conta das mensagens construídas de maneira multimodal.” (ROJO; MOURA, 2019, p. 24). Dessa forma, já podemos perceber um dos intuitos do livro de apresentar as diversas linguagens nos capítulos subsequentes, já que converge com o que é apresentado a partir de Kress.

Finalmente, na última parte do capítulo, são anunciados os novos (multi)letramentos, a partir das teorias de Lankshear e Knobel. O adjetivo “novo”, para esses autores, apontava em direção às mudanças que as Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (doravante TDIC) provocaram nos letramentos. Assim, o foco dessa última parte do capítulo é justamente o novo *ethos*, a nova mentalidade que surgiu, com o advento da Web 2.0. De acordo com Rojo e Moura, “os novos letramentos são mais participativos, colaborativos, distribuídos; ou seja, menos individualizados, autorados, dependem menos de licenças de publicação” (ROJO; MOURA, 2019, p. 26). Por isso, há uma grande ênfase no surgimento da cultura *remix* e da hibridização, que será parte fundamental nos capítulos subsequentes.

Conforme mencionado anteriormente, os autores desejavam que o livro fosse hipertextual e hipermediático. Logo, no decorrer do livro, através de *QR codes*, há diversas referências de *websites* e vídeos, de modo a complementar e a ilustrar o que está sendo discutido. No caso desse primeiro capítulo, os autores encerram com uma referência ao ciberativista Aaron Swartz e um vídeo que apresenta a trajetória do garoto, que lutava pelo livre acesso ao conhecimento e à informação. Essa foi uma boa escolha dos autores para demonstrar as “premissas” dos novos (multi)letramentos, nos quais se espera a colaboração e a participação mais ativa dos partícipes.

O segundo capítulo ocupou-se de definir mídia e está dividido em quatro seções: “mídia como meio de comunicação”; “mídia e modo”; “mídias, multimídia, hipermídia”; e “um mundo transmídia”. O intuito dos pesquisadores é evidenciar o que eles entendem por mídia e como as novas TDIC “vêm alterar a relação entre as várias mídias” (ROJO; MOURA, 2019, p. 31). As ideias de Santaella (2003a, 2003b) estão muito presentes, não apenas nesse capítulo, mas também no decorrer da obra, uma vez que a autora ocupou-se de estudar a “cultura das mídias”, que seria, portanto, “um momento em que o consumidor passa a ter alguma escolha, momento em que pode

passar a montar suas próprias ‘coleções’, como diria García-Canclini (2008 [1998])”(ROJO; MOURA, 2019, p. 34).

Além disso, o conceito de Jenkins (2006), de cultura de convergência, também está muito presente nesse capítulo. Com base em Santaella (2007), são apresentadas as cinco “gerações tecnológicas”. Na seção destinada a discorrer sobre mídia e modo, os autores apresentam o aporte teórico a ser utilizado. À vista disso, optou-se pelo termo *multissemiose*, ao invés de *multimodalidade*, conforme apresentado pelo GNL e Kress. Ao definir mídia, multimídia, hipermídia e metamídia, Rojo e Moura apresentam um breve estudo teórico conceitual, para que o leitor acompanhe as passagens que resultaram nos termos. Por fim, ao tratar de transmídia, além da definição, retomam-se as ideias de Jenkins (2006) acerca de cultura da convergência, que é a interação de novas e velhas mídias. Os autores preocupam-se em distinguir *crossmedia* e transmídia. Nesse momento, aparece a cultura de fãs, como parte integrante da rede de colaboração proporcionada a partir do advento da Web 2.0. Após a definição desses “conceitos-chave”, como os autores chamam, a segunda parte do livro procura se debruçar mais detalhadamente sobre cada tipo de linguagem.

Cabe, até mesmo, acrescentar que o livro como um todo é muito bem apresentado e diagramado, em especial a escolha de cores e fontes para o *design*. Outrossim, diversas imagens compõem os capítulos, auxiliando na construção dos significados de diferentes modos, que, em alguns momentos são capturas de um momento do *hiperlink* (por exemplo, no caso de um vídeo há a captura de uma cena), ou imagens de pinturas e fotografias. Tais imagens ilustram, com maestria, o que está sendo discutido, além de, no caso dos vídeos, aguçar a curiosidade do leitor. Também reafirma a escolha dos autores em tornar a produção multimodal.

No que se refere a esse processo estilístico, é possível traçar um paralelo entre o trabalho de diagramação e o diálogo com a formação de Moura e sua atuação. O autor possui formação em arte e cultura fotográfica, além de ter realizado seu estágio de doutoramento (2017-2018) na Pennsylvania State University, School of Visual Arts - Arts & Design Research Incubator (Penn State - ADRI), sob supervisão do Professor Doutor Eduardo Navas. Sua atuação na área de produção de materiais didáticos para o ensino de Língua Portuguesa e formação de professores para trabalharem com novos e multiletramentos evidencia-se na apresentação primorosa da obra em tela.

Ao discorrer sobre a imagem estática, Rojo e Moura dividem o terceiro capítulo em quatro momentos mais “teóricos”, conforme apresentado a seguir. No final, há uma seção intitulada “fazendo gênero”. Essa seção aparece em todos os capítulos, a partir desse ponto, na qual os autores expõem algum gênero textual que dialoga com os conceitos apresentados, com vista a oferecer subsídios ao trabalho do professor que optar por trazê-los para a sala de aula. Vale ressaltar que em nenhum momento os autores propõem ao docente sequências de atividades ou sugestões. Essa obra é muito mais teórica, se comparada a que foi organizada por eles em 2012. Entretanto, durante a leitura, são apresentados diversos gêneros e novas práticas de letramento que vêm surgindo nos últimos tempos.

Portanto, na parte supracitada, os autores discorrem acerca: “das arquitetônicas e sistemas semióticos tipológicos e topológicos”; “dos três paradigmas da imagem estática: pré-fotográfico, fotográfico, pós-fotográfico”; “do pré-fotográfico à fotografia: a imagem ex machina”; e “do fotográfico ao pós-fotográfico: do tratamento digital das imagens”.

Na seção “fazendo gênero”, os autores comentam sobre o “*Photoshop*. Renderização e a estética IA”, com base nos aportes teóricos do Círculo de Bakhtin, conforme desenvolvido por Faraco (2011), Santaella (2001; 2003; 2007; 2013), Santaella e Noth (2014 [1997]) e Lemke (2010 [1998]; 2012). A escolha de Rojo e Moura, ao construir os capítulos, é muito pertinente para o leitor, que acompanha o “desenvolvimento” de cada semiose, cronologicamente. No caso da imagem estática, há um percurso que vai desde a pintura, passando pela fotografia, até as imagens digitais compostas por *pixels*. Ao tratar do gênero, novamente há a referência à cultura do *remix* e são introduzidos diversos conceitos envolvidos nessas práticas. A leitura se torna fluida, tornando agradável a ‘navegação’ pelo capítulo e pelas diversas referências de vídeos, que complementam o que se discute na obra.

Nesse mesmo movimento, o capítulo quatro trata da imagem dinâmica e está subdividido em: “os três paradigmas da imagem dinâmica: pré-cinematográfico, cinematográfico e pós-cinematográfico”; “do pré-cinematográfico ao cinema: entre o espetáculo e a montagem”; “do cinematográfico ao pós-cinematográfico: a metamídia”; “fazendo gênero: fans vids e AMV – entre a cultura de fãs e a cultura *otaku*”. Valendo-se de teóricos como Santaella e Noth (2014 [1997]), os autores tecem novamente o

capítulo com conceitos específicos, referências externas e teoria. Há nova retomada do *remix* e é apresentado o *sampling*, conceito que estará muito mais presente no quinto capítulo. Há, ademais, muita referência a técnicas de edição que a imagem dinâmica permite.

No quinto capítulo, que trata do som, a trajetória bem musical de referências e *hyperlinks* torna o percurso muito mais agradável e didático. Amparados em Wisnik e Navas, os autores exploram: “os três paradigmas do som: modal, tonal e pós-tonal (ou serial)”; “do modal para o tonal: perdendo o ritmo?”; “o pós-tonal: o serial ou a música eletroacústica”; e “fazendo gênero: *sampling*”. São diversos os momentos que promovem a reflexão, em especial quando se apresenta uma breve discussão sobre direitos autorais e criatividade, antes de introduzir a ideia de *sampling*, a qual utiliza um trecho já existente de uma música para criar algo completamente novo.

Por último, no capítulo que encerra o livro, os autores tratam do verbo, mais especificamente, da linguagem verbal. Esse está dividido em: “os três paradigmas do texto: pré-tipográfico, tipográfico e pós-tipográfico”; “do pré-tipográfico à tipografia: a escrita e o impresso”; “o texto pós-tipográfico: hipertexto, hipermídia, metamídia”; e “fazendo gênero: reportagem multimídia”. Novamente ancorados em Santaella e Noth (2014 [1997]), Rojo e Moura apresentam a linguagem “escrita” e retomam conceitos que já apareceram em outras obras de Rojo (2012; 2013), como o de “produsuário” e a questão da autoria presente na *Web 2.0* e no conceito de multiletramentos e novos (multi)letramentos. Ao apresentar o gênero de reportagem hipermidiática, é interessante perceber as possibilidades que as TDIC trouxeram para o gênero reportagem, bem como as mudanças que o suporte digital contempla, diferentemente do impresso.

Percebe-se, dessa forma, que uma das contribuições do livro é reunir e exemplificar tantos conceitos que surgiram recentemente em uma obra que não se esgota em si mesma, mas, ao contrário, conduz o leitor a novos horizontes para a incorporação e a vivência de “letramentos, mídias e linguagens”. Ao oferecer referências externas, a obra possibilita que o leitor aprofunde-se em um conceito mais específico e que possa procurar por mais referências e exemplos. Com isso, o livro é recomendado a todos aqueles que desejam saber mais sobre letramentos, mídias e linguagens.

Referências

- FARACO, Carlos Alberto. Aspectos do pensamento estético de Bakhtin e seus pares. *Letras de Hoje*. Porto Alegre, v. 46, n. 1, p.21-26, jan./mar, 2011.
- LEMKE, Jay. “Metamedia literacy: Transforming Meanings and Media”. In: REINKING, D.; MCKENNA, M.C.; LABBO, L.D.; KIEFFER, R.D. (orgs.). *Handbook of Literacy and Technology: Transformation in a Post- Typographic World*. Mahwah: Erlbaum, p. 283-302, 1998.
- LEMKE, Jay. Tipologia, topologia, topografia: A semântica dos gêneros. *Revista de Letras*, n. 31, v. (1/2) jan./dez. Fortaleza: Imprensa Universitária da UFC, 2012.
- LEMKE, Jay. “Multiplying Meanings: Visual and Verbal Semiotics in Scientific Texts”. In: MARTIN, J. R.; VEEL, R. (orgs.). *Reading Science: Critical and Functional Perspectives on Discourse of Science*. New York: Routledge, p.87-113, 1998.
- ROJO, Roxane. *Letramentos múltiplos, escola e inclusão social*. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.
- ROJO, Roxane. “Pedagogia dos multiletramentos: diversidade cultural e de linguagens na escola”. In: ROJO, Roxane; MOURA, Eduardo. (orgs.). *Multiletramentos na escola*. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.
- ROJO, Roxane. (org.). *Escol@ conectad@: os multiletramentos e as TICs*. São Paulo: Parábola Editorial, 2013.
- ROJO, Roxane; BARBOSA, Jacqueline. *Hipermodernidade, multiletramentos e gêneros discursivos*. São Paulo: Parábola, 2015.
- ROJO, Roxane; MOURA, Eduardo. *Letramentos, mídias e linguagens*. São Paulo: Parábola Editorial, 2019.
- SANTAELLA, Lucia. “A sintaxe como eixo da matriz sonora”. In: _____. *Matrizes da linguagem e pensamento: sonora, visual, verbal*. São Paulo: Iluminuras, pp.112-116, 2001.
- SANTAELLA, Lucia. *Culturas e artes do pós-humano: da cultura das mídias à cibercultura*. São Paulo: Paulus, 2003a.
- SANTAELLA, Lucia. Da cultura das mídias à cibercultura: o advento do pós-humano. *Revista FAMECOS*, n. 22, p. 23-32. Porto Alegre: RS. 2003b.
- SANTAELLA, Lucia. *Linguagens líquidas na era da mobilidade*. São Paulo: Paulus, 2007.
- SANTAELLA, Lucia. *Comunicação ubíqua: repercussões na cultura e na educação*. São Paulo: Paulus, 2013.
- SANTAELLA, Lucia; NOTH, Winfried. *Imagem: cognição, semiótica e mídia*. São Paulo: Iluminuras, 2014 (1997).

Recebido em: 14/01/2021

Aceito em: 29/01/2021

¹ Um grupo de pesquisadores que se reuniu na cidade homônima nos Estados Unidos para discutir os avanços em diversas áreas promovidos pela globalização e que resultou num manifesto que cunhou o termo multiletramentos.